

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_02/2017

Homilia no Dia do Consagrado

Braga, Senhora-a-Branca, 03.fev.2017, 18h30

Consagrados para a missão

O Concílio Vaticano II, mormente na *Lumen gentium*, sublinhou que é o Espírito Santo quem Santifica o povo de Deus, enriquecendo-o com dons e graças divinas. Tais graças brotam, como sabemos, em diversos lugares e de diferentes formas. São o resultado dos dons hierárquicos e carismáticos que, por sua vez, alicerçam o caminho da reforma eclesial. É o mesmo Espírito Santo quem adorna a Igreja e a prepara para servir o povo ao estilo de Jesus, o Bom Pastor, que entregou a Sua vida por amor à Humanidade. Cristo permanece o modelo e o caminho, mas a acção evangelizadora da Igreja decorre da presença do Espírito.

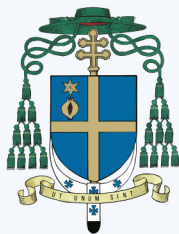
Neste dia do Consagrado, importa tomar consciência desta doutrina já assumida mas nem sempre vivenciada. Hoje é o dia favorável para renovar o encanto e o ardor que nasce da força dinâmica do Espírito Santo. Como Igreja que somos, temos consciência que ela se apresenta como mistério de comunhão para a missão. Renovamos, por isso, o nosso empenho e compromisso eclesial nos diferentes caminhos traçados pelos nossos fundadores. Dêmos também um contributo positivo para sermos sinal da unidade da Igreja no único Cristo que nos chamou e enviou.

Nunca esqueçamos que estas formas variadas de seguimento de Cristo estão, ou devem estar, comprometidas na realização da comunhão com Deus e, conseqüentemente, na comunhão com a Igreja e com os irmãos.

São duas realidades intimamente ligadas que explicam o sentido da nossa missão. Acreditamos e vivemos em comunhão com Deus – que descobrimos como Pai comum – e desdobramo-nos em gestos de comunhão com os irmãos da comunidade. Cada carisma tem uma forma peculiar de missão e de testemunho. A riqueza da comunhão eclesial é grande e, com ela, podemos chegar a todos os recantos da sociedade e aos problemas diversificados que encontramos quando nos focamos nesta vertente da nossa vocação.

Se a Igreja não está presente em alguns ambientes humanos, pode ser por nossa distração ou adormecimento. Estaremos a explorar todas as potencialidades dos carismas? Não nos podemos esquecer que eles nos conduzem alegremente ao encontro do mundo.

Temos diante de nós o desafio de potenciar a dimensão contemplativa da fé. Contemplar não é refugiar-se em orações vazias de conteúdos humanos. Nela encontramos-nos com Deus e, em Deus, com tudo aquilo que Ele ama. A oração prepara-nos e leva-nos a ver o mundo segundo o olhar de



Deus, isto é, leva-nos a sermos a mão que alivia as dores, o coração que consola e o olhar que ama afectuosamente. S. Paulo recordava que todos os carismas deveriam orientar-se para a caridade: “a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum”. “Cada um recebe estes dons mais para os outros que para si mesmo.... Na vida comum é necessário que a força do Espírito Santo, dada a cada um, seja transmitida a todos. Quem vive para si próprio, talvez possa ter um carisma, mas torna-o inútil ao conservá-lo inativo, porque o enterrou dentro de si mesmo.” (Basílio de Cesareia)

Os tempos que correm não dispensam o consagrado da exigência da vida orante e contemplativa. Pelo contrário. Todo o consagrado deve adoptar uma atitude de serviço constante e perseverante. Também para ele é válida a insistência do Papa Francisco: sair para as periferias, indo ao encontro dos problemas que a sociedade apresenta. Tanto os membros das comunidades como as próprias comunidades devem cultivar esta atitude interior.

É nesta perspectiva que o Espírito Santo vai desafiando os consagrados a encontrarem razão para viverem dedicados a obras concretas de solidariedade e atenção aos mais necessitados. Nunca se insistirá demais que a identidade da vida consagrada reside nesta alegria de serviço gratuito e solícito. Nunca podemos esquecer que os carismas nasceram como resposta a necessidades do mundo que os fundadores descortinaram. Hoje importa ver, numa diversidade nova de situações, o que nos é solicitado pelo mundo. Existem, no campo concreto da história de cada comunidade, novas pobreza e necessidades que reclamam intervenção. Parece-nos muitas vezes que os carismas perderam o vigor e a actualidade. Que se acomodaram numa preguiça comodista quando muitos desafios os deveriam inquietar. Outrora era tudo muito definido. As necessidades eram permanentes e mostravam sempre os mesmos contornos. Hoje assistimos a uma enorme variedade de situações que só uma vontade séria de estar dentro as identifica. Basta querer ouvir a humanidade com os seus gritos. O silêncio da vida contemplativa faz ecoar pormenores da humanidade que nos deveriam desinquietar.

Recordo, a título de exemplo, o que se sucede com os refugiados. O Santo Padre pede que as comunidades se disponibilizem para acolher os que vivem em situação de precariedade. “Possam cada paróquia, cada comunidade religiosa, cada santuário da Europa, receber uma família de refugiados”. Sei que não é fácil e que várias comunidades se têm disponibilizado para acolher sem resultados concretos. Mas devemos estar na primeira linha para concretizar o que, depois, o realismo permite. Não é uma experiência fracassada que nos desmotiva. Podem acontecer novidades e devemos estar sempre disponíveis.

Também as questões relacionadas com a vida solicitam disponibilidade por parte da Igreja. Precisamos, por isso, de um trabalho persistente para que a família volte a corresponder ao projecto de Deus. Importa que estejamos atentos à legislação que pretendem impor-nos e agir de harmonia com as exigências da fé. As questões do aborto e da eutanásia, entre outras, requerem que ofereçamos respostas adequadas. Devemos elucidar e encontrar respostas que mostrem a nossa paixão pela vida. A história da Igreja testemunha experiências carismáticas que hoje seriam muito relevantes. Por vezes pensamos que não sabemos o que podemos fazer. O Espírito sugerirá desde que encontre corações disponíveis. Como seria verdadeiramente cristão ter comunidades que escutassem os problemas da humanidade para discernir actividades concretas. Por vezes, fechamo-nos nas nossas



coisas e distraímo-nos e não chegamos ao compromisso de ouvir o que o Espírito Santo diz para mergulhar em iniciativas que ainda não foram experimentadas.

É o novo que nos desafia. Os problemas são novos e intricados. Não é a apatia que os vai resolver. Não esqueçamos que há muita gente apostada em levar para a frente ideologias que revolucionam a sociedade impondo a cultura da morte. Nós situamo-nos noutra mundo.

Neste dia, tomemos consciência do nosso lugar na Igreja, que é comunhão para a missão. Não deixemos passar as oportunidades que o mundo nos lança. Aceitar passivamente a história que os outros constroem é muito fácil. Agir ou pro-agir perante certos desafios é o único caminho que deveremos percorrer. Maria – a mulher solícita e atenta a respostas inovadoras – nos desperte para esta presença mais activa na Igreja e na sociedade. Que a contemplação nos faça ver os novos problemas da sociedade e agir em consonância.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*